



## A Comunicação como mediadora da Educação<sup>1</sup>

Gabriela Felipe Rodrigues<sup>2</sup>

Especialista em Gestão da Comunicação – Departamento de Comunicações e Artes – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo (curso de pós-graduação *lato sensu* concluído em dezembro de 2006)

### Resumo

Na sociedade contemporânea, a educação não tem conseguido acompanhar as mudanças trazidas pelos meios de comunicação e as tecnologias. De um lado, está a educação, com sua linguagem predominantemente oral; de outro, a comunicação, com seus recursos audiovisuais, muito mais atraentes aos jovens. Por isso, faz-se necessária a integração entre comunicação e educação, obtida a partir de um novo campo de intervenção social: a Educomunicação. Seguindo essa linha teórica, uma pesquisa empírica mostra a necessidade da instauração da prática educomunicativa num colégio particular de São Paulo e os desafios a serem enfrentados, bem como propostas educomunicativas e seus objetivos.

### Palavras-chave

Educação; Comunicação; Ecossistemas comunicativos; Educomunicação; Tecnologias.

### Escola e meios de comunicação

A educação formal, aquela educação normatizada, regida inclusive por uma legislação específica, tem encontrado muitos desafios na sociedade contemporânea. Os meios de comunicação estão gerando novas formas de produção, circulação e recepção do conhecimento, e é preciso aprender a lidar com essas formas. No entanto, a escola não soube acompanhar a aceleração tecnológica e a crescente influência dos meios de comunicação, o que gerou um descompasso entre ambos, como destaca Citelli: “Talvez o termo *descompasso* seja o mais adequado para designar a situação presente vivida pelas escolas dos ciclos fundamental e médio diante dos meios de comunicação e das novas tecnologias”<sup>3</sup>. De um lado, está a escola, com sua linguagem oral e seus métodos tradicionais de ensino; de outro, estão os meios de comunicação, principalmente a televisão, com sua linguagem audiovisual e seu dinamismo. O resultado da separação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais/Mediações e interfaces comunicacionais (Intercom 2007)

<sup>2</sup> Jornalista graduada pela Universidade Estadual Paulista (curso concluído em dezembro de 2002) e gestora da comunicação pela Universidade de São Paulo, com o título de especialista em Gestão da Comunicação pela ECA/USP (curso concluído em dezembro de 2006). E-mail: gabijornal@yahoo.com.br

<sup>3</sup> CITELLI, Adilson. Educação e Mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI, Adilson (org). *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 21.



entre escola e meios de comunicação é, como destaca Citelli, um “profundo desencontro entre o discurso didático-pedagógico estrito e as linguagens institucionalmente não escolares”<sup>4</sup>. Sobre essa questão do descompasso, Guillermo Orozco enfatiza a lacuna deixada pela escola: “... o material didático, basicamente os livros de texto, são insuficientes e inapropriados para cumprir as funções a eles destinadas dentro do conjunto de objetivos educativos buscados”<sup>5</sup>.

Mesmo com descompassos e desajustes, educação e comunicação não podem continuar em lados opostos, pelo contrário, devem trabalhar juntas para tornar o processo de aprendizagem mais eficiente e integrado ao universo das crianças e adolescentes. Segundo Soares<sup>6</sup>, há uma relação dialógica entre esses campos, o que resulta em um novo campo: o da Educomunicação. O autor defende a existência desse novo campo de intervenção social, pois a Educomunicação se apresenta com autonomia: tem filosofia própria, história e reconhecimento da sociedade, não comungando dos mesmos princípios do campo da comunicação. A Educomunicação representa um conjunto de ações voltadas a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, sejam presenciais sejam virtuais: “... a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa”<sup>7</sup>. Ela problematiza os campos da comunicação e da educação, de forma a criar ecossistemas comunicativos abertos e eticamente comprometidos. Assim, é possível formar a competência comunicativa do cidadão. É como diz Paulo Freire: a leitura da palavra não deve significar uma ruptura com a leitura do mundo. O universo em que o aluno está inserido deve permear o ensino escolar, como destaca o autor ao se referir à alfabetização de adultos: “... as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos”<sup>8</sup>.

E, se a televisão e os meios de comunicação em geral certamente fazem parte do universo vocabular do aluno, mais uma vez o caminho para uma educação eficaz passa pela comunicação. Aliás, não devemos esquecer que os veículos de comunicação, com o aporte das novas tecnologias, tornaram-se verdadeiras “escolas paralelas”, como define

---

<sup>4</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>5</sup> GOMES, Guillermo Orozco. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. *Revista Comunicação e Educação*. nº 10. São Paulo: Moderna/CCA, 1997. p. 59.

<sup>6</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato*, Brasília: Ano 1, nº 1, jan/mar 1999.

<sup>7</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, jan/abr. 2002, n. 23. p. 24.

<sup>8</sup> FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1992. p. 22.



Citelli<sup>9</sup>, as quais exigem uma nova postura do sistema educativo. “O importante (...) é destacar o fato de as ‘escolas paralelas’ estarem pressionando o sistema educativo, requisitando dele práticas e compreensões já não mais circunscritas ao discurso pedagógico, segundo tradicionalmente veiculado pelas instituições escolares”<sup>10</sup>.

Essa necessidade de integrar educação e comunicação torna-se ainda mais evidente se considerarmos o tempo que as crianças passam em frente à televisão e quão eficiente é a mensagem transmitida. Orozco, ao divulgar dados de pesquisa realizada no México, mostra a quantidade de horas dedicadas à TV: “... durante a semana as crianças vêm entre três e cinco horas de TV por dia e até sete aos sábados e domingos”<sup>11</sup>. Na média, Orozco constata que uma criança urbana vê quatro horas diárias de TV. O autor destaca também a efetividade de aprendizagem dos meios de comunicação. “Há já suficiente pesquisa a partir da qual se pode afirmar que as crianças aprendem mais e mais rapidamente dos diversos meios de comunicação, e em especial da TV, que do professor na escola”<sup>12</sup>. E os meios de comunicação promovem a textura da experiência, que acarreta a aprendizagem “antecipatória” descrita por Orozco, levando a uma aceleração cognitiva. “Enquanto na escola queremos produzir uma situação propícia para o ensino-aprendizagem, os meios de comunicação estão reproduzindo situações reais, que se não têm muito que ver com o ensino, têm a ver e muito mais com a facilitação da aprendizagem”<sup>13</sup>. Se os meios de comunicação fazem parte do cotidiano dos alunos e facilitam a aprendizagem, a aproximação entre procedimentos educativos e comunicativos mostra-se um caminho promissor para a educação formal.

O estabelecimento dessa inter-relação cabe à escola, já que os meios de comunicação, ainda que funcionem muitas vezes como meios de educação informal, não têm o compromisso de “formar”, no sentido correto da palavra, ou seja, um processo completo de conhecimento, emancipatório, que resulte numa verdadeira “conversão”. A escola deve deixar de ver os meios de comunicação como concorrentes e saber usá-los como aliados, sem temê-los. Caso contrário, é ela quem corre o risco de perder espaço, como lembra Orozco: “... ou enfrentamos os MCM com astúcia, estratégia e métodos ou corremos o risco de perder relevância como educadores”<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: A linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2000.

<sup>10</sup> Idem. Ibidem. p. 136-137.

<sup>11</sup> GOMES, Guillermo Orozco. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. *Revista Comunicação e Educação*. n° 10. São Paulo, Moderna/CCA, 1997. p. 60.

<sup>12</sup> Idem. Ibidem. p. 60.

<sup>13</sup> Idem. Ibidem. p. 60.

<sup>14</sup> Idem. Ibidem. p. 61.



Trazer os meios de comunicação para a escola não significa, no entanto, apenas dispor das tecnologias para reforçar os métodos existentes: colocar um vídeo para as crianças assistirem e voltar à fórmula “professor fala, alunos escutam” não levará à real integração entre escola e meios de comunicação. Citelli afirma que o processo deve ser muito mais profundo, pensado a partir do novo *sensorium* (termo usado por Martín-Barbero) que se estabeleceu: “A questão do redesenho dos modelos educadores deve ser vista e entendida como decorrência das novas formas de perceber e mesmo sentir o mundo e onde os processos videotecnológicos desempenham papel central”<sup>15</sup>. É preciso, como destaca Citelli<sup>16</sup> ao citar Guillermo Orozco, repensar a educação, e isso significa replanejar o processo educativo, tendo como ponto de partida os próprios educandos.

E é exatamente isso o que a Educomunicação propõe: não se trata apenas da reflexão sobre o uso das tecnologias da comunicação e da informação – é um campo de mediações, de interdiscursividade. “Há necessidade de teorização e de reflexão crítica sobre os projetos para que se constitua esse campo, tornando-o um novo espaço de luta material e discursiva”<sup>17</sup>. A Educomunicação vai além de ações pontuais; ela trabalha com políticas públicas, para não beneficiar apenas uma minoria e, sim, atingir a população, criando verdadeiros ecossistemas. O objetivo é mudar o processo.

Citelli chama o processo de reestruturação da educação de “movimento geral de *ressignificação* da escola”. Segundo o autor, esse movimento “deverá incluir, necessariamente, o diálogo com os ‘concorrentes’ mediáticos e as novas tecnologias – sempre considerando o problema na perspectiva das ampliações culturais”<sup>18</sup>. Isso porque, na sociedade contemporânea, os meios de comunicação tornaram-se mediadores dos processos educativos e a escola deixou de ser a única agência de promoção educacional – é a descentralização. “Os pólos de formação descentraram-se e tenderão a intensificar cada vez mais as possibilidades de se obter informações e mesmo conhecimentos por meio de mecanismos até há pouco privativos do espaço escolar”<sup>19</sup>.

Por tudo isso, fica claro que, mesmo com todos os obstáculos, a separação entre educação e comunicação precisa ser superada. Citelli aponta um caminho quando afirma que a escola deve repensar suas questões internas, isto é, os objetivos e as estratégias de

---

<sup>15</sup> CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: A linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2000. p. 138.

<sup>16</sup> CITELLI, Adilson. Educação e Mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI, Adilson (org). *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

<sup>17</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato*, Brasília: Ano 1, nº 1, jan/mar 1999. p. 57.

<sup>18</sup> CITELLI, Adilson. Educação e Mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI, Adilson (org). *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 23.

<sup>19</sup> Idem. *Ibidem*. p. 22.



ensino/aprendizagem, e estabelecer ou ampliar programas de formação continuada para os professores. “A nosso ver, o diálogo mais próximo com a diversidade das linguagens, com os meios de comunicação, com as novas ‘tecnologias da inteligência’ (...) contribuirá para construir outros patamares de relação entre a escola e a sociedade”<sup>20</sup>.

A partir dessa formação permanente, o professor poderia exercer o seu real papel: o de mediador, aquele que facilita a aprendizagem sem ignorar a presença dos meios de comunicação. “Alguém que serve como facilitador da aprendizagem, consciente de que a sala de aula disputa hoje espaços com verdadeiras ‘escolas paralelas’ formadas pelo amplo sistema de comunicação que circunda os alunos”<sup>21</sup>. Dessa forma, a escola poderia promover a Educação para os Meios defendida por Orozco, isto é, orientar os alunos a serem receptores, de maneira a reagirem às mensagens dos meios de comunicação de forma mais pensada e menos espontânea, resultando em juízos e opiniões diferenciados. Assim, o aluno “seguramente em algum momento poderá distinguir a programação de qualidade da que não o é”<sup>22</sup>. A aproximação da educação e da comunicação é, portanto, essencial para capacitar as pessoas para entender os sistemas e processos que envolvem a mídia, vista, pelas Teorias Mediáticas, como elemento de mediação, no qual cruzam-se fatores culturais e históricos.

Essa inter-relação entre comunicação e educação pede o entendimento dos processos de formação à luz das mediações, com a escola dialogando criticamente com os meios de comunicação e esses, por sua vez, sendo vistos não apenas como agências de entretenimento, descompromisso e manipulação. A escola, como destaca Citelli, deve otimizar o seu papel, possibilitando aos alunos e professores entenderem melhor os significados e os mecanismos das novas linguagens, e não apenas se deslumbrarem diante dos aparatos técnicos. É preciso pensar os meios de comunicação e as novas linguagens a partir de um novo *sensorium*, ou seja, a partir dos novos modos de ver e perceber das pessoas, para, então, desenvolver um processo de educação emancipatória e que acabe com a separação entre educação e comunicação.

Na verdade, acreditamos que o caminho para uma efetiva integração entre educação e comunicação está na Educomunicação, que, além de propor as mudanças citadas, vai além, criando verdadeiros ecossistemas comunicativos: não apenas os meios de comunicação passam a contribuir com a educação, mas toda a comunicação da escola

---

<sup>20</sup> Idem. Ibidem. p. 32.

<sup>21</sup> Idem. Ibidem. p. 32-33.

<sup>22</sup> GOMES, Guillermo Orozco. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. *Revista Comunicação e Educação*. n° 10. São Paulo: Moderna/CCA, 1997. p. 67.



se transforma, melhorando o fluxo de informação, a relação entre professores, alunos, direção e comunidade, e facilitando a expressão dessas pessoas. A seguir, discutiremos melhor esse tema.

## A Educomunicação

Segundo Ismar Soares, a Educomunicação pode ser definida a partir do conceito:

“... o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação a distância ou ‘e-learning’, e outros...”<sup>23</sup>

Ao falarmos em criar e fortalecer ecossistemas comunicativos, isso significa, segundo Soares<sup>24</sup>, criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. É preciso, portanto, abolir as formas autoritárias de comunicação. Esses ecossistemas comunicativos cuidam “da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação”<sup>25</sup>. O ecossistema comunicativo está sempre em construção e, para que possa ser aperfeiçoado, é fundamental ter cuidado na forma como o tema é introduzido. Por isso, no início faz-se necessário evitar rejeições e conflitos com os educadores e agentes sociais que defendem concepções mais tradicionais de relações humanas nos espaços educativos. O segredo, segundo Soares, é encontrar pontos de consenso, como a necessidade de se melhorar as habilidades de professores e alunos no manejo das tecnologias da informação. A Educomunicação depende de todos os agentes envolvidos, portanto, ela jamais pode ser imposta; é preciso conquistá-los, fazer alianças, sempre levando em consideração as condições específicas de cada ambiente.

A Educomunicação trabalha com temas transversais, valoriza o conhecimento como um todo, e não apenas informações compartimentadas. Nesse processo, as

---

<sup>23</sup> Idem. Ibidem. p. 115.

<sup>24</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. *Mas, afinal, o que é educomunicação?* [S.I.]: Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, [S.D.]. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos>. Acesso em 6 de outubro de 2006, 19h17.

<sup>25</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. *Ecossistemas comunicativos*. [S.I.]: Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, [S.D.]. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos>. Acesso em 6 de outubro de 2006, 20h25.



tecnologias têm um papel essencial: elas não são meros instrumentos para melhorar a performance do professor; devem ser usadas para melhorar a performance de todos, sejam professores sejam alunos seja a própria comunidade. Porém não podem ser vistas apenas como instrumentos; o cenário e o ambiente em que atuam também devem ser considerados, ou seja, a tecnologia deve ser vista como mediação. Ela contribui para a aprendizagem, pois, por meio dela, o indivíduo pode se sentir tocado, envolvido, conectado, como lembra Soares: “Desta maneira, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação”<sup>26</sup>. No entanto, é importante ressaltar que a tecnologia apenas contribui para a aprendizagem, mas não é a responsável por esse processo. “É o sentido que provoca a aprendizagem, não a tecnologia, e é por isso que o campo compete à comunicação ou à educomunicação”<sup>27</sup>.

Na escola, a tecnologia e os meios de comunicação podem ser usados para promover a integração do grupo, abolindo a centralização e valorizando a pluralidade. A escola deve ser, como lembra Martín-Barbero, um espaço democrático, onde todos podem ter voz: “... lugar de conversación entre generaciones, entre jóvenes que se atrevan a llevar a la escuela sus verdaderas preguntas y maestros que sepan y quieran escuchar, convirtiendo a la escuela en un espacio público de memoria y de invención de futuro”<sup>28</sup>. Mário Kaplún também destaca a necessidade de dar lugar à manifestação pessoal no processo de ensino/aprendizagem, valorizando a individualidade dos educandos: “Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo”<sup>29</sup>. Essa democratização da escola pode acontecer por meio da Educomunicação, pois a troca é muito intensa: alunos aprendem com professores, professores aprendem com alunos, alunos aprendem com alunos, a comunidade aprende com os alunos, e assim por diante, formando ecossistemas comunicativos.

### **Projetos educacionais**

Seguindo a linha de pensamento discutida até aqui, o NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Professor

---

<sup>26</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, jan/abr. 2002, nº 23. p. 20.

<sup>27</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>28</sup> MARTÍN BARBERO, Jesús. Ensanchando territorios em comunicación/educación. In: VALDERRAMA, Carlos. *Comunicación & Educación*. Bogotá: Universidad Central, 2000. p. 111.

<sup>29</sup> KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VI, jan./abr. 1999. p. 73.



Doutor Ismar de Oliverira Soares, desenvolveu o Projeto EDUCOM.RÁDIO, que promove a gestão educacional da rádio escolar. O projeto foi implantado pela primeira vez em 2001 numa parceria com a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e atendeu 12 mil professores, alunos e membros das comunidades educativas de 455 escolas municipais, incentivando a colaboração entre os envolvidos, a redução da violência e o desenvolvimento comunicativo do indivíduo.

Esse projeto envolveu a escola pública, porém as propostas da Educomunicação podem ser de grande ajuda também para o ensino privado. Surge, no entanto, a dúvida de como um colégio particular e tradicional entende a relação comunicação/educação e como receberia as propostas da Educomunicação. Em pesquisa empírica realizada para o projeto de conclusão do curso de especialização em Gestão da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, apresentado em dezembro de 2006, constatamos que a escola privada, apesar de acreditar na importância da comunicação para a educação, ainda não sabe ao certo como estabelecer essa inter-relação de forma a contribuir com a aprendizagem. O objetivo do trabalho intitulado “Projeto de Intervenção Educomunicativa no Colégio Elvira Brandão”, sob a orientação do Professor Doutor Ismar de Oliveira Soares, foi propor a introdução da prática educacional no Colégio Elvira Brandão, uma tradicional escola particular da cidade de São Paulo, com 103 anos de história.

Realizamos a pesquisa qualitativa no segundo semestre de 2006 com 23 pessoas, entre alunos, professores, direção e coordenação pedagógica do Colégio. O Elvira Brandão tem um discurso que destaca, ao mesmo tempo, a preocupação com a formação completa do aluno, preparando-o para exercer sua cidadania, e o diferencial num mundo competitivo, ressaltando que os estudantes passam nos melhores vestibulares e que ex-alunos hoje ocupam cargos importantes na política, na economia e nas artes. A análise dos dados da pesquisa, no entanto, mostrou que nem sempre o discurso corresponde à prática e indicou uma série de pontos a serem trabalhados para que Educomunicação pudesse ser implementada com sucesso, como veremos a seguir.

Os meios de comunicação, como já discutimos, tornaram-se “escolas paralelas”, atraindo o interesse dos alunos e facilitando a aprendizagem. No entanto, eles ainda são vistos com grande receio pelos educadores, que muitas vezes fazem uma clara separação entre escola e meios de comunicação: a escola seria a instituição que realmente ensina, como um lugar sagrado, cuja função jamais seria cumprida pelos meios de comunicação; estes, por sua vez, apenas transmitiriam informações, sem



ensinar de fato. Porém, quando levamos em consideração que a recepção televisiva ocorre além dos limites da casa onde vivem os alunos e chega à escola, parece-nos ainda mais cabível que os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação façam parte da rotina escolar. Os próprios alunos sentem falta de discutir assuntos que estão em pauta na mídia, mas que geralmente ficam fora do discurso escolar.

Sobre a importância da comunicação para a educação, há uma percepção do professor em relação à importância dos meios, porém a frequência de utilização ainda deixa a desejar. A mesma percepção vale para as tecnologias: os alunos reclamam do restrito uso dos computadores durante as aulas e os próprios professores confirmam que as tecnologias são utilizadas com pouca frequência.

Mesmo quando as tecnologias são utilizadas em sala de aula, nem sempre isso é feito de forma adequada, que facilite a aprendizagem. Os alunos reclamam que o professor usa a lousa eletrônica, por exemplo, para que eles copiem a matéria. Os depoimentos remetem a uma questão já discutida anteriormente: trazer os meios de comunicação para a escola não significa apenas dispor das tecnologias para reforçar os métodos existentes. A filosofia do Colégio destaca que neste mundo repleto de tecnologias cada vez mais desenvolvidas, “o tradicional conjunto professor/livro/lousa/giz está definitivamente obsoleto e insuficiente”. Porém esse modelo continua predominando, com a ilusão de ter evoluído graças à utilização da tecnologia. Só que o processo, como vimos, deve ser muito mais profundo. É preciso redesenhar o modelo educativo, e não reproduzir os mesmos métodos usando outros meios. A tecnologia pode ajudar a envolver o aluno, a tocá-lo e, assim, contribuir com a aprendizagem, mas, se ela for vista apenas como instrumento, todo o seu potencial será sub-aproveitado. Portanto, não basta disponibilizar os recursos tecnológicos e ensinar os professores a operá-los. É preciso também mostrar aos professores o real papel das tecnologias e orientá-los sobre como tornar esses recursos verdadeiros aliados da aprendizagem.

Em relação aos fluxos de comunicação existentes na escola, pudemos perceber que muitas vezes eles esbarram na questão do relacionamento. Quanto mais próximos estão professores, alunos e direção, melhor é a comunicação e maiores são as chances de criar e fortalecer os ecossistemas comunicativos propostos pela Educomunicação. Porém essa relação ainda precisa ser trabalhada, buscando a formação de ambientes abertos e democráticos, e abolindo as formas autoritárias de comunicação. Dessa maneira, o colégio poderá corresponder às expectativas dos alunos e chegar ao ideal de professor e de aula que eles almejam.



O Colégio Elvira Brandão tem um poderoso, porém sub-aproveitado, recurso: a rádio. A grande maioria dos alunos teria interesse em participar caso ela não se restringisse a músicas. Se eles pudessem participar ativamente, aprendendo a utilizar os equipamentos, produzindo programas, cobrindo eventos, gerando informações, quase todos se envolveriam. Essa disposição dos alunos pela rádio nos surpreendeu, pois temíamos que eles vissem o veículo com certa reserva por se tratar de uma mídia tradicional. No entanto, a aceitação foi bastante positiva. Percebemos que a rádio está sendo sub-aproveitada, pois ela poderia ser usada em diferentes matérias e promover a integração de alunos e professores. Porém os docentes sequer a conhecem.

Ainda perdura no Colégio Elvira Brandão o estereótipo de que os receptores são sujeitos passivos, completamente influenciados pelos meios de comunicação. Porém é importante lembrarmos que o receptor é capaz de filtrar as informações que recebe, pois é um sujeito cultural, historicamente situado, sendo capaz de negociar as mensagens e inclusive resistir a elas.

Mesmo com os ajustes que precisam ser feitos, acreditamos que a Educomunicação pode ser implementada com sucesso no Colégio Elvira Brandão, afinal, os alunos, mesmo tendo suas críticas e sugestões para melhorar o ensino, gostam do colégio, e estudantes satisfeitos com a escola tendem a se envolver mais com ela.

### **Objetivos de um projeto educucomunicativo**

Embora trate de um colégio específico, os resultados da pesquisa podem servir de referência para projetos em escolas particulares em geral, pois mostram que, mesmo no espaço dito privilegiado, existem problemas decorrentes da separação entre educação e comunicação, assim como há a necessidade de aproximar esses dois campos para o melhor aprendizado e desenvolvimento do aluno.

No caso do Colégio Elvira Brandão, fizemos diversas sugestões de práticas educucomunicativas a serem implementadas. A idéia é que o projeto seja escalonado, isto é, que ele seja realizado em etapas, de forma a preparar a escola para de fato incluir a Educomunicação como parte de seu plano pedagógico, buscando formar ecossistemas comunicativos adequados a uma proposta de gestão democrática da comunicação. Isso significa que as ações não se resumem a oficinas, as quais possuem início, meio e fim. Pelo contrário, as ações são contínuas, envolvendo cada vez mais a comunidade escolar. A Educomunicação é algo duradouro, transmitido aos outros agentes sociais e



enriquecido por alianças com outros grupos, misturando classes sociais, sexo, idade, enfim, promovendo a interação.

Entre os objetivos específicos do projeto de intervenção educacional apresentado ao Colégio Elvira Brandão, podemos destacar:

- Ampliar as formas de comunicação dentro da escola, fazendo com que a comunicação unidirecional dê espaço para a comunicação em rede, com os fluxos de informação correndo em todos os sentidos.

- Dar voz aos alunos, para que se expressem livremente e realmente participem das aulas, superando aquela imagem de que o professor está ali apenas para ensinar e os alunos estão ali apenas para aprender. É possível haver uma troca intensa nessa relação, que muito contribuirá para a autonomia dos alunos e a menor defensiva do professor em relação a assuntos que ele não domina.

- Incentivar o jovem a assumir a liderança, a ter participação maior na sociedade, superando sua condição de mero consumidor. Vale ressaltar que liderança, nesse caso, corresponde à iniciativa, participação, vontade de contribuir. Não se trata de competição, pois a educação incentiva a colaboração, e não o enfrentamento. O objetivo é, por exemplo, rever as situações em que alguém usa estratégias para manipular os colegas, motivando, ao contrário, a atitudes de colaboração mútua, para que num processo de comunicação democrática e aberta, todos sejam protagonistas.

- Estender a todos o direito de acesso às novas tecnologias, porém não somente como operadores dos recursos, mas também como produtores de informação.

- Promover o diálogo, a democracia. As decisões jamais devem ser impostas ou gerar brigas. Elas devem ser tomadas democraticamente.

- Formar cidadãos conscientes, capazes de ler criticamente as mensagens dos meios de comunicação.

- Contribuir para uma maior auto-estima dos educandos.

- Valorizar a função social dos meios de comunicação, deixando de promover uma educação pela comunicação para promover uma educação para a comunicação.

- Incentivar a visão do professor como facilitador da aprendizagem, como provocador, e não como transmissor de conhecimento.

- Adotar a educação como parte do plano pedagógico da escola, planejando ações com ênfase no desenvolvimento humano e sob a orientação de um educador.



## **Propostas de intervenção**

As propostas de intervenção feitas ao Colégio Elvira Brandão visando a introduzir a prática educomunicativa foram amplamente detalhadas no projeto enviado à escola, porém agora apresentaremos apenas uma síntese dessas sugestões como forma de exemplificar as ações. Lembramos, no entanto, que as idéias propostas podem sofrer alterações ao longo de sua implementação, pois é comum surgirem necessidades específicas. Além disso, como a prática educomunicativa prevê a gestão participativa, novas sugestões serão sempre bem-vindas, assim como alterações necessárias para o bom andamento do projeto.

Como uma intervenção educomunicativa é bastante complexa, já que envolve dezenas de pessoas, nossa proposta é que o projeto seja escalonado. Por isso, imaginamos as ações em três anos, apontadas resumidamente a seguir:

No primeiro ano, a Educomunicação deve ser compreendida pelos agentes envolvidos e a comunicação deve começar a fazer parte da rotina escolar. Para isso, serão realizadas, com a ajuda de uma assessoria externa especializada em Educomunicação, palestras e workshops com direção, coordenação pedagógica, professores e alunos, além da criação da “Semana da Comunicação”.

No segundo ano, será necessária uma presença mais ativa da assessoria externa, que passará a oferecer assistência para as seguintes ações: consultoria dos meios de comunicação disponíveis na escola; produção e recepção radiofônica (introdução de projetos para que alunos e professores produzam, juntos, os programas transmitidos pela rádio); criação de um jornal diferenciado, que use a linguagem dos jovens; recuperação histórica do Colégio Elvira Brandão por meio da elaboração de uma revista eletrônica; produção e recepção televisiva (uso da televisão como forma de incentivar a expressão dos alunos e aumentar a auto-estima).

No terceiro ano, a escola já terá mergulhado na Educomunicação, percebendo suas propostas e seus benefícios para o colégio como um todo. Portanto, é hora de incluir a Educomunicação no planejamento pedagógico, fazendo com que direção, coordenação e professores, sob assessoria externa, já pensem nas disciplinas à luz da prática educomunicativa.

## **Considerações finais**

A discussão acerca da relação comunicação/educação de forma alguma deve parar por aqui, mas esperamos que tenhamos conseguido mostrar a necessidade de levar esse



tema para dentro da escola e de fato promover uma reestruturação do ensino. A Educomunicação, implementada dentro dos limites de cada instituição e envolvendo toda a comunidade escolar, é um caminho possível. Em relação ao Colégio Elvira Brandão, ele possui diversos fatores a favor de um ensino de qualidade que certamente facilitarão a implementação da prática educacional e o desenvolvimento de fortes ecossistemas comunicativos. A direção da escola está analisando a proposta. Fica, agora, a esperança de que o projeto alce vôo e gere novos desdobramentos, visando a uma educação para a comunicação, que contribua com a formação completa do aluno, preparando-o para ser verdadeiramente cidadão, e não apenas consumidor.

### Referências bibliográficas

CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: A linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2000.

\_\_\_\_\_. Educação e Mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI, Adilson (org). *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1992.

GOMES, Guillermo Orozco. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. *Revista Comunicação e Educação*. nº 10. São Paulo: Moderna/CCA, 1997.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VI, jan./abr. 1999.

MARTÍN BARBERO, Jesús. Ensanchando territórios em comunicación/educación. In: VALDERRAMA, Carlos. *Comunicación & Educación*. Bogotá: Universidad Central, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato*, Brasília: Ano 1, nº 1, jan/mar 1999.

\_\_\_\_\_. *Ecossistemas comunicativos*. [S.I.]: Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, [S.D.]. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducucomunicacao/saibamais/textos>. Acesso em 6 de outubro de 2006, 20h25.

\_\_\_\_\_. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, jan/abr. 2002, nº 23.

\_\_\_\_\_. *Mas, afinal, o que é educomunicação?* [S.I.]: Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, [S.D.]. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducucomunicacao/saibamais/textos>. Acesso em 6 de outubro de 2006, 19h17.